

EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

Sandra Polliane Ubaldo da Silva*

Resumo: Este artigo pretende analisar a relação entre a satisfação que o ser humano é capaz de encontrar na dor de outro indivíduo. Haja vista que a falta de parâmetros na coibição dos impulsos destrutivos principalmente nos jovens pode contribuir para a formação de pessoas órfãs de princípios éticos e referenciais simbólicos que acabam procurando o prazer à custa do sofrimento alheio. Para a nossa reflexão dividiremos o trabalho em quatro subtítulos: A cultura e o controle do prazer do ódio em Freud, A opressão do outro e a anulação da alteridade como forma de legitimação do poder, A perda de referenciais simbólicos, na fase de transição da adolescência para a vida adulta e suas conseqüências. Reflexão sobre a violência escolar a partir documentário “Pro dia nascer feliz e a crise de valores da sociedade atual.

Palavras chave: Satisfação. Ódio. Psicanálise. Opressão. Violência juvenil.

Introdução

Neste trabalho faremos uma reflexão sobre a ausência de adaptação à realidade e suas implicações no comportamento violento dos jovens da atualidade. Para tanto, buscaremos suporte teórico na psicanálise de Sigmund Freud. Abordaremos os efeitos da busca desregrada pela satisfação através da coisificação do ser humano pelo próprio ser humano onde a opressão do outro representa a negação da sua alteridade.

A busca da felicidade consiste no grande ideal do ser humano, que é movida pelo princípio de prazer. Ao longo de sua existência ele procura atingir um permanente estado de prazer, evitando o sofrimento.

* Aluna do Curso de Pós Graduação Educação e Ética para uma Cultura de Paz pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduada em Letras Pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Professora Concursada pelo Estado da Bahia. Realiza pesquisa sobre a interferência do Bullying no processo de desenvolvimento pedagógico. E-mail: sandrapolliane@gmail.com.

A sociedade cerca o indivíduo de forças reguladoras que o inibem da realização de seus desejos, controlando também sua agressividade. Para sociabilizar-se é necessário que o indivíduo renuncie a satisfação com esse intuito são aplicados os princípios de realidade. O prazer surge da não contenção dos limites. Por isso, a disciplina da cultura tem a função de normatizar a vida dos indivíduos preparando-os para conviver estavelmente diante das frustrações, canalizando o ódio que lhes é inerente e mais presente até mesmo do que o amor.

A cultura e o controle do prazer do ódio em Freud

Para Sigmund Freud o ódio seria anterior ao amor, sendo o ódio parte integrante do ser humano mais do que o amor. Jean-Pierre Lebrun em seu livro *Futuro do ódio* nos diz que:

O ódio mais do que um sentimento ou uma manifestação de explosão violenta, é um fato de estrutura: temos o ódio pelo fato de falarmos, assim poderia ser enunciada a afirmação freudiana de que o indivíduo é um inimigo da civilização. A civilização nos impõe sempre um gozo a menos, uma falta, uma restrição, e a isso respondemos com o ódio (LEBRUN, 2009, p. 9).

O próprio Lebrun neste mesmo livro (Cf. LEBRUN, 2009 p. 14) nos fornece a etimologia da palavra ódio que em francês está relacionada com a irritação: “[...] irritar vem de *inodiare*, formada pela locução latina *in ódio esse*, está em ódio”. Deste modo, o autor nos diz que “O ódio se aloja no “enojamento”, ele pode se dissimular, mas nunca saberemos o que ele é, nem de onde ele vem”. Já que o ódio é parte integrante do ser humano e não podemos eliminá-lo se faz necessário o processo de sublimação da força pulsional que permite que a energia se desloque sendo investida em outros alvos que não sejam destrutivos: como o esporte, a arte nos quais seja possível a canalização das forças e das emoções reprimidas. Todavia, há uma grande diferença entre o ódio inerente a todo o ser humano e o gozo do ódio, ou seja, a satisfação na realização e não contenção desse ódio.

Essa tarefa de conter o gozo do ódio Freud conferiu à cultura. De acordo com Freud a civilização tem como tarefa evitar o sofrimento e oferecer segurança, colocando o prazer em posição secundária. Essa inclinação à agressividade percebida nos indivíduos representa o fator principal das tensões nas relações sociais com o próximo; e é justamente esta que demanda o empenho à civilização. Freud diz que:

A finalidade principal de toda educação é ensinar a criança a dominar seus instintos; é impossível, de fato, usufruir uma liberdade total; Autorizar a obediência total aos seus impulsos... A educação deve inibir, interditar, reprimir, isto é o que ela vem fazendo desde sempre [...] (FREUD, *Apud* JOLIBERT, 2010, p. 24).

Freud se referia à educação como uma intervenção do adulto sobre a criança, caracterizada pela transição do prazer à realidade, em outras palavras, do prazer bruto ao desejo socializado, integrado a um universo regrado. Dessa maneira, as normas de comportamento servem para estabelecer parâmetros que interditem as ações destrutivas dos indivíduos para que não direcionem suas frustrações de maneira agressiva. Freud atribui à educação a tarefa de tentar conduzir, de forma harmônica, as desvantagens e as vantagens que a realidade exige ao prazer imediato.

A função da escola nesse processo consiste em disciplinar, em humanizar o homem, diferenciando-o do animal dominado pelo prazer imediato, assim o homem surge como um ser de prazer emancipado, de modo a realizar o homem que há na criança, já que este vive num prazer velado. Educar consiste num conjunto de substituições: substitui-se o prazer pela realidade, o instinto pela sociedade, o desejo pela regra.

Freud percebia a condição do homem como ser cultural, havendo certamente uma parte biológica, ou seja, instintiva, entretanto, o homem se torna homem porque esse instinto passa pela interdição, pela disciplina da cultura.

Cada indivíduo é, virtualmente, um inimigo da civilização que, entretanto é ela mesma de interesse da humanidade, em geral. É curioso que os homens, que tão mal vivem no isolamento, se sintam tão oprimidos pelos sacrifícios que a civilização espera deles, para que seja possível a vida em comum. A civilização deve, assim, ser

defendida contra o indivíduo, e sua organização, as suas instituições e leis se colocam a serviço dessa tarefa (FREUD, *Apud* JOLIBERT, 2010, p. 24).

Essa oposição é apenas imaginária, pois é justamente a vida em sociedade, a adaptação à realidade, que torna possível a vida em comum, conduzindo o indivíduo a suportar certas frustrações necessárias a convivência diária, ou seja, a realização do prazer. O desafio da educação não consiste somente em proibir, em frustrar, mas em descobrir um equilíbrio entre a busca do prazer, que continua comandando o equilíbrio da psique depois da socialização, e entre as limitações impostas pela realidade natural e social aos instintos primitivos. A educação tem por tarefa disciplinar a natureza instintiva, mas deixando lugar ao verdadeiro prazer. Controlando os conflitos, de maneira que não sejam suprimidos.

O princípio do prazer traduz as ações humanas, o seu objetivo de uma felicidade perfeita e infinita, é impossível de ocorrer. Tendo em vista a insuficiência interna do princípio do prazer. Efetivamente, a própria noção de felicidade é edificada sobre o princípio do prazer, sendo relativa à satisfação direta e imediata das pulsões. A felicidade, de modo geral, provém da satisfação “[...] de necessidades represadas em alto grau, sendo por sua natureza possível apenas como uma manifestação episódica” (FREUD, 1992, p. 33).

Sobre felicidade Freud ainda nos diz:

O que se nomeia felicidade, em sentido mais restrito, é resultado de uma satisfação repentina de necessidades que alcançaram alta-tensão e que, por sua própria natureza, só é possível sob a forma de fenômeno episódico. Toda persistência desse estado procurado pelo princípio do prazer gera apenas um bem-estar um tanto superficial... Dessa maneira, nossas faculdades de felicidade estão limitadas pela nossa constituição (FREUD, *Apud* JOLIBERT, 2010, p. 20).

O princípio de prazer é o ideal de existência do ser humano. O homem vem se utilizando de diversas formas para alcançar a felicidade dentre elas a intoxicação química, a religião, e a arte. Este intuito de felicidade eterna tem caráter ilusório, é apenas mediático, limitado pela própria constituição do ser humano. O sofrimento

cerca o homem de todos os lados, seja pela condenação a decadência, seja pelas forças destruidoras externas, ou pela ação dos outros seres humanos. Diante dessas forças este se vê coagido a se defender moderando suas expectativas, domesticando assim o princípio de prazer que se desloca para segundo plano, em primeiro plano está à missão de evitar o sofrimento.

O preceito da educação é estabelecido pelo desprazer provocado pela autoridade. Kant em seu tratado da pedagogia nos diz: “A disciplina submete o homem às leis da humanidade, e começa a fazer-lhe sentir o constrangimento das leis, mas isso deve acontecer cedo” (KANT *Apud* LEBRUN, 2008, p. 56). Educar é incutir as regras morais e os conhecimentos primordiais para qualquer sociedade, normas e saberes que servirão de balizador estrutural tanto para a o indivíduo de hoje quanto para as posteriores.

O equilíbrio entre o princípio de prazer e o do princípio de realidade fará com que o indivíduo reprima suas pulsões, sendo impostos limites aos seus desejos. As regras e os princípios éticos sociais permitirão que o homem respeitando a si próprio também respeite o outro na sua singularidade e na sua dignidade. Sem estas estruturas a violência social se constitui numa prática recorrente nas relações humanas. Por meio de ações competitivas, manipuladoras, opressivas, egoístas, de negação e desrespeito à alteridade do outro.

A opressão do outro e a anulação da alteridade como forma de legitimação do poder

Vivemos numa cultura extremamente egoísta. Essa cultura, focada no *eu*, faz do *outro* objeto para suas satisfações individuais. A história ocidental, fortemente marcada pela utilização da razão para a busca da verdade e do sentido da vida, procura a confirmação do *eu*. Para tanto, se utiliza do processo de anulação do *outro* em sua alteridade, ignorando suas diferenças e suas singularidades.

A trajetória da humanidade ao longo dos tempos está marcada pela realização de diversos conflitos, de práticas de colonização, de estruturação de sistemas

ideológicos de caráter político, religioso e/ou científico, que geralmente visaram à dominação, à exploração à destruição e o desrespeito à alteridade.

Com este intuito, a modernidade científico-positivista que utiliza princípios de domínio da natureza, resultou na luta e na opressão do homem sob e/ou contra o próprio homem. Conforme dissera Thomas Hobbes no início do século XVII: “[...] o homem é o lobo do homem” (HOBBS, 1992, p. 4). O autor defendia a ideia da existência na sociedade humana de uma guerra de todos contra todos, na qual os instintos de conservação do homem predominariam por esse motivo sua socialização somente aconteceria de forma acidental, e não por constituição.

A configuração da política capitalista deu início ao processo de inovações tecnológicas, atualmente ligadas ao poder do mercado neoliberal, tornando-se o engodo contemporâneo, representado por um sistema, silencioso e influente comparado a ideologia vigente no período medieval. O resultado disso é que o homem contemporâneo se tornou refém das invenções tecnológicas que ele mesmo criou.

Desse modo, a existência da alteridade no cenário do Ocidente se torna extremamente questionável, numa cultura narcisista mergulhada na sociedade do espetáculo, de exaltação do *eu*.

Na contemporaneidade, o indivíduo vai além da anulação do outro, utiliza-se desse *outro* como objeto para a realização de seus propósitos egocêntricos. Nas palavras de BIRMAN (2000, p. 25):

A subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o *outro* em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o *outro* apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o *outro* se apresenta para o sujeito no horizonte da atualidade.

A figura do outro não existe, no contexto pós- moderno, mesmo que o eu utilize-se da presença do outro para satisfazer-se, esse outro aparece apenas como um objeto que pode ser descartado a qualquer momento basta que não tenha mais

serventia. Desse modo, determinados comportamentos sociais da atualidade tornaram-se banais. Essa situação pode ser comprovada, nos mais diversos setores da sociedade. O outro é visto como material descartável no mercado de trabalho, na indústria do sexo, nos meios políticos, nos meios de comunicação, nas ruas, por não serem considerados consumidores em potencial dos produtos colocados em oferta.

Então o que se pode esperar a respeito das atitudes em relação ao outro? Já que o outro não cumpre se quer o lugar secundário nas relações sociais. O que se vê é que, a violência não consiste somente no extermínio do outro pela morte ou pela opressão, mas também está representada pela coisificação do ser humano e a perda de seu bem mais importante: a sua dignidade.

BIRMAN (2000, p. 25), afirma que essa é um dos primeiros motivos para o aumento da banalização da violência:

Saquear o *outro*, naquilo que este tem de essencial e inalienável, se transforma quase no credo nosso de cada dia. A eliminação do *outro*, se este resiste e faz obstáculo ao gozo do sujeito, nos dias atuais se impõe como uma banalidade. A morte e o assassinato, assim, se impuseram na cena cotidiana como trivialidades.

A busca pela satisfação através do sofrimento do outro tem como estrutura a negação da sua alteridade sendo visto como objeto para que seja legitimado seu sofrimento, na medida em que se torna objetivado não há razão para a sensibilização do opressor. Então como respeitar o outro se o vejo como mero instrumento da minha realização? A dor do outro não tem importância uma vez que o que se considera importante é o próprio prazer. O poder é disputado a qualquer preço, pessoas são manipuladas, o corpo representa um produto explorado e banalizado. A sociedade cultua a violência simbólica rotineiramente veiculada e incentivada na mídia.

A violência assumiu as mais grotescas formas na atualidade, delineando-se com feições insólitas e inéditas. Pode-se evidenciar isso não apenas no registro imediato das práticas políticas e de intercâmbio social entre os sujeitos, mas também no universo ficcional da literatura, cinema e música popular. Esta violência tem

características efetivamente nazistas, pois é sempre a pretensão de ser melhor que o outro e de funcionar como um predador do corpo do *outro* para o usufruto do seu gozo, que delinea a cena imaginária do sujeito (BIRMAN, 2000, p. 298-299).

O processo de amadurecimento e conseqüentemente a afirmação da identidade está intrinsecamente ligada à tomada de consciência da responsabilidade e comprometimento com o outro. Na medida em que o eu enxerga o outro em sua totalidade e não mais o coisifica, esse outro é reconhecido como semelhante.

O reconhecimento da alteridade do outro constitui na possibilidade de construção de uma sociedade mais humana e mais digna, na qual os direitos e os deveres de todos os indivíduos sejam respeitados.

As normas vigentes numa determinada sociedade refletem o modo de vida das gerações que a constituem. Por isso, quando esta não estabelece mecanismos norteadores para as gerações mais jovens estes não terão subsídios que possibilitem se tornarem homens emancipados.

A perda de referenciais simbólicos

Vivemos na cultura do descartável e os valores sociais também acompanham este processo de constantes transformações, impulsionados pelos avanços tecnológicos. Os jovens são mais vulneráveis a este cenário social problemático já que a adolescência é uma fase conflituosa por constituição.

A agressividade é parte constituinte do ser humano, mas em se tratando dos jovens ela é manifestada de forma exarcebada. Com tudo, a violência representa uma afirmação de poder que desencadeia as diversas formas de violência. Suas ocorrências são conseqüência das práticas cotidianas de discriminação, de preconceito, da crise de autoridade do mundo adulto.

O acúmulo de sentimentos de frustração e de insatisfação pode levar a germinação de diversas condutas agressivas que são frequentemente divulgadas pela mídia nas quais os jovens cometem atos de extrema violência que se manifestam não somente pelo atentado a colegas de escola, professores e a outros membros da

comunidade escolar, que esses alunos muitas vezes desrespeitam por estarem numa escala hierárquica de menor prestígio social, no caso de zeladores, porteiros, faxineiros. Também são recorrentes ações contra o patrimônio público, depredações, incêndios. Mas essas agressões não se restringem somente ao ambiente familiar ou escolar: também são cometidos contra vizinhos, moradores de rua, domésticas, gays, prostitutas.

A satisfação do prazer imediato representa a ideologia do homem pós-moderno. Entretanto, essa busca não está associada à satisfação das necessidades básicas para se viver dignamente como recompensa pelo esforço e mérito. Comumente muitos jovens buscam a prática do sexo sem limites, chegando até mesmo a cometerem estupros, assassinatos, estrangulamentos, esquartejamentos, fazendo referência ao filme *Cama de gato*, do diretor Alexandre Stokler. O consumo de drogas lícitas e ilícitas são divulgadas como pílulas instantâneas da felicidade, um caminho para se satisfazer, relaxar e se desligar desse mundo cheio de conflitos nem que seja por alguns instantes. Como afirma Lebrun:

Há séculos que as drogas têm algo de paraíso artificial, como diz Baudelaire. Ou seja, uma forma de se refugiar da dor humana, da insatisfação. As drogas sempre serviram para evitar o confronto com esse sofrimento. Quanto menos você está preparado a suportar as dificuldades, mais está inclinado a se evadir, a recorrer a substâncias, sejam as drogas ilícitas, sejam as medicamentosas, para limitar o sofrimento que vai se apresentar. Com o desenvolvimento da farmacologia, essas substâncias se tornaram muito acessíveis. Isso pode criar distorções. É muito mais simples tomar uma Ritalina para não ser hiperativo do que fazer todo o trabalho de aprender a suportar a condição humana. Quando criança, a pessoa já precisa ser confrontada com a condição humana da perda de satisfação (LEBRUN, 2009, s/p.).

Desde cedo deve ser transmitida à criança noções para que possa lidar com situações de frustração. Mecanismos de controle de impulsos que a instruem para a convivência em sociedade, sem que recorram a atitudes destrutivas.

É cada vez mais nítido que as condutas juvenis acabam funcionando como uma espécie de espelho da cultura, seus comportamentos denunciam o que, na maioria das vezes, os adultos inconscientemente disponibilizam.

As circunstâncias da Modernidade foram diminuindo gradativamente a lógica dos ritos de passagem e com isso prejudicando a capacidade do indivíduo de enfrentar as diferentes etapas da vida, dentre elas a passagem para a fase da adolescência. Se toda via sintomática intensa neste período, está presente, justamente, porque o indivíduo está começando a delimitar seu espaço, sem ainda contar com uma consistência que lhe garanta estabilidade psíquica e legitimidade social, não é surpresa que os jovens, atualmente, subtraídos das práticas rituais e dos mecanismos sociais que validem seus atos, utilizem comportamentos delinquentes para inscrever-se no espaço público e social. Nesse sentido, perguntamos: que espécie de experiência é possível aos jovens em um contexto que estimula a escassez da experiência humana? Será que a necessidade de realizar atitudes cada vez mais intensas e violentas, pode ter relação com o vácuo deixado pela ausência de experiências e de suas transmissões?

Não havendo mais a direção Para o seu ódio, o jovem não se confronta mais com o outro que, antes dele, já havia podido se confrontar com ele (ódio); conseqüentemente, não se recebe mais o testemunho de que é possível transformar seu ódio em outra coisa (LEBRUN, 2008, p. 49).

O cenário contemporâneo mostra que os adultos não estão conseguindo transmitir uma dimensão da experiência capaz de servir de referencial para as gerações mais jovens. Se os mais velhos abandonam a dimensão normativa como reguladora dos atos no plano social, eles, provavelmente, estejam convidando os jovens a buscarem o prazer realmente ilimitado. Mas quais são as circunstâncias sociais atuais presentes ou ausentes que produzir sujeitos cujas atitudes fazem pensar nessa falta de experiência e de reflexão? O que os leva a pouparem-se dos atos ou simplesmente pouparem-se de ter de responder por eles? Quais condições produzem

essa diminuição de densidade subjetiva? Há certamente um empobrecimento da experiência na vida dos jovens na atualidade.

“Há uma ausência de responsabilidade dos adultos na educação contemporânea”. (ARENDR, 2001, p. 239). De acordo com a autora, a crise da educação e da autoridade deve-se ao fato dos adultos não se comprometerem com o mundo ao qual trouxeram os jovens. Esta responsabilidade proposta por Arendt diz respeito a uma postura de cuidado e proteção com a juventude, mas não, no sentido de poupá-los, mas sim, no sentido de transmitir-lhes a dimensão da experiência no convívio, compreendendo a necessária implicação com a dimensão coletiva no mundo.

O comprometimento dos adultos com a transmissão na educação é parte integrante do encontro com a dívida simbólica, ou seja, da necessidade de os adultos apresentarem aos mais jovens a dimensão da responsabilidade. Na medida em que os jovens são poupados do encontro com a dimensão da falta de limites configura-se um dos modos mais intensos e mais cruéis de abandono e desamparo com a nossa juventude.

[...] é, simplesmente, a tarefa que há séculos chama-se educação. Ela implica, portanto, paradoxalmente, fazer violência à violência da criança, porque esta última está à altura da força libidinal que habita e a cria humana tem necessidade de encontrar adultos capazes de impedir a sua violência de início, de interdita-la (LEBRUN, 2008, p. 36).

A educação é um processo de condução da criança de um estado de dependência protetora e precária, para a responsabilidade. A criança poderia ser definida como um ser de pulsão imediata, protegida pelo adulto benevolente, defendido do mundo natural externo e dos conflitos interiores. Mas o homem não pode continuar eternamente criança, ele deve mais cedo ou mais tarde, enfrentar os desafios da vida adulta.

Para a eficácia da interdição esta deve ser internalizada. A presença da moral individual expõe que a regra ditada pelo real não aparece para o sujeito, mas é tomada de forma afetiva. A internalização acontece se o sujeito conseguir opor sua exigência social a influência das pulsões.

Reflexão sobre a violência escolar a partir documentário *Pro dia nascer feliz*

Com a finalidade de propor uma discussão sobre o grave problema da violência escolar tomaremos como base o documentário “Pro dia nascer feliz”, do diretor João Jardim o mesmo apresenta um panorama sobre as adversidades enfrentadas pelos adolescentes de escolas privadas e escolas públicas brasileiras.

O filme retrata que os jovens estão se tornando mais intolerantes uns com os outros, sendo aliciados cada vez mais cedo para a marginalidade e pelo tráfico de drogas. Muitos deles convivem com a criminalidade diariamente. Certos da impunidade perpetuam a banalização da violência e exarcebam sua agressividade, cometendo pequenos e/ou grandes delitos, transgredindo as leis que se configuram cada vez mais descredibilizadas.

Na fala de uma adolescente da periferia do Rio de Janeiro ela conta com frieza o modo como assassinou outra jovem que estudava na mesma escola:

Tem que morrer essa safada; fiz na escola pra todo mundo ver, queria ela no chão estirada, eu pensei que ela ia morrer, queria que ela morresse ó que ela não morreu na hora ficou ainda viva uns dez minutos aí depois ela morreu. Porque não dá nada matar sendo “de menor” três anos, passa rápido. Um dia a vida dela ia acabar mesmo só adiantei. (depoimento de uma aluna de um colégio no Rio de Janeiro que não foi identificada).

Em outro relato um jovem também não identificado diz: “Não é vício é costume a gente se diverte com a cara da vítima quando ela tá perdendo”.

Muitos jovens não se preocupam com as regras sociais, não refletem sobre a necessidade destas no convívio coletivo e não se preocupam com as conseqüências que seus atos transgressores podem ocasionar aos outros. Desse modo, quando ocorre a renúncia dos adultos de seus papéis de educadores os resultados são desastrosos e destrutivos.

A criança é espontaneamente habitada pela violência pulsional e tem necessidade do seu meio para ajudá-la a fazer dessa violência outra coisa que não destruição. [...]. “A criança é um pequeno incestuoso e

um assassino em potencial – o sabemos desde Freud, mas, mais do que nunca, estamos dispostos a nada querer saber (LEBRUN, 2008, p. 35).

E o resultado da falta de parâmetros dos jovens todos já conhece embora nem todos estejam dispostos a enxergar: filhos egocêntricos, sem qualquer noção de limites, totalmente despreparados para enfrentar os desafios e obstáculos inerentes à própria vida. E muitas vezes filhos viciados em substâncias químicas ou demonstrando comportamentos que lhes garantam prazer imediato e desregrado. A prática da permissividade e da convivência da nossa sociedade com as atitudes agressivas, humilhantes e degradantes dos jovens é no mínimo vergonhosa.

Educar é colocar os filhos diante de regras e de limites, além de fornecer-lhes condições para que possam aprender a tolerar e enfrentar as frustrações do cotidiano. No momento em que os pais não conseguem delimitar de forma clara as fronteiras entre o que se pode ou não fazer, eles se tornam incapazes de exercer uma ação educativa eficaz. Impedindo o amadurecimento de seus filhos dentro de processos evolutivos inerentes ao ser humano, o que desfavorece laços relacionais pautados no verdadeiro diálogo, na responsabilização e emancipação do indivíduo.

A autoridade consiste na intervenção educativa sobre o outro que passa a ter responsabilidade. Entretanto, as gerações mais jovens estão perdidas no vácuo deixado pela crise dos sistemas sociais, culturais, econômicos e familiares. Já que a sociedade de forma geral não oferece sólidos mecanismos estruturais e referenciais éticos que possibilitem a auto-regulação dos comportamentos individuais.

Conclusão

Muitos pais sofrem por terem que dizer “não” aos pedidos do filho, temendo magoá-lo. Mas é preciso ensinar-lhes a diferença entre “frustração” e “sofrimento”. Ensinar-lhes que a frustração faz parte dos conflitos que constituem a vida. É essencial que também aprendam a ter resiliência para saberem superar os problemas e seguirem adiante. Instruí-los a não tomarem como modelo exclusivo de felicidade

aquilo que é desejável, orientá-los para aquilo que é possível através de ações pautadas na ética, nos valores e no respeito à vida.

É inegável que estamos vivendo tempos difíceis em que a violência e a agressividade infanto-juvenil são crescentes e ameaçam toda sociedade. Seja como pais ou educadores, seja como membros de uma coletividade, de um estado, ou de toda a sociedade, nenhum de nós está imune a essas circunstâncias. Todos os setores da sociedade têm a sua parcela de culpa pela crise de autoridade sobre as gerações mais jovens, o que não pode ocorrer é a camuflagem do problema e a isenção de responsabilidade.

O homem não pode viver em função da satisfação a qualquer preço. Muito menos se essa satisfação for obtida à custa do sofrimento do outro. Pois o reconhecimento da alteridade é primordial para a compreensão humana. Desse modo o indivíduo perceberá e respeitará a singularidade e a dignidade do outro.

Referências

ARENDDT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Cama de Gato. Direção: Alexandre Stockler. BRA, 2002. (92 minutos) Port.;

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

HOBBS, Thomas. **Do cidadão**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JOLIBERT, Bernard. **Sigmund Freud**. Recife: Massagana, 2010. (Coleção educadores do MEC).

LEBRUN, Jean-Pierre. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.

_____. Ensinem os filhos a falhar (Entrevista). **Revista Veja**, edição 2142 / 9 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/091209/ensinem-filhos-falhar-p-021.shtml>. Acessado em 21 de junho de 2011.

Pro dia nascer feliz. Direção: João Jardim. Brasil, 2006. (88 minutos) son. Color. Copacabana filmes distribuidora. Port.